# A MULHER NA COMÉDIA ANTIGA: A *LISÍSTRATA* DE ARISTÓFANES*

*Margarida Maria de Carvalho***

**Resumo**

Trata-se de um artigo sobre a comédia *Lisístrata* do comediógrafo Aristófanes. Analisou-se o perfil feminino da ateniense no século V a.C. e como o autor utilizou a mulher para criticar a sua sociedade.

> *(...) Se vocês quiserem nos escutar quando dermos bons conselhos e souberem se calar, seremos a salvação de vocês (...).*
>
> LISÍSTRATA

Ao nos debruçarmos sobre o estudo da comédia antiga percebemos que esta se aproxima o máximo possível da realidade cotidiana de Atenas. A comédia política tem, na verdade, a intenção de demonstrar ao cidadão da *pólis* os problemas de sua Cidade-Estado.

Indubitavelmente, um dos mais célebres poetas do período da comédia antiga, que ilustra esta realidade é Aristófanes. Este comediógrafo (435-335 a. C.) escreveu cerca de quarenta peças; algumas das quais foram apresentadas na grande Dionísia e outras em Lenaia. De

---

* Trabalho apresentado na IX Semana da História da FHDSS/UNESP-FRANCA, em outubro de 1992. Agradeço à Profa. Dra. Neyde Theml do Setor de História Antiga do IFCS/UFRJ, pelas críticas e contribuições valiosas feitas durante a produção deste artigo.

** Professora do Departamento de História Social, Política e Econômica da UNESP-Campus de Franca.

suas peças, onze foram preservadas por completo e todas possuem o intuito de demonstrar a vida de Atenas. Queremos dizer com isso que Aristófanes contestava, através de sua obra, a sociedade ateniense de sua época. Por exemplo, os homens de Estado atenienses estão sempre presentes em suas comédias, pois são o alvo principal de seus ataques.

Em prol de um certo ideal político – como por exemplo, a valorização do passado e a censura feita ao presente – Aristófanes denuncia tudo o que crê ser contrário ao interesse da cidade (Grimal, 1986, p. 61). Ele é, assim, extremamente criativo, pois emite suas opiniões políticas – numa época em que a Cidade-Estado está declinando – através do cômico, provocando o riso com o objetivo de aliviar a dor oriunda dos sofrimentos de uma guerra que parecia não ter fim: a Guerra do Peloponeso. Suas comédias podem, portanto, ser analisadas como o reflexo das transformações políticas, militares e diplomáticas ocorridas na transição do quinto para o quarto século.

Nosso objetivo é justamente analisar alguns dos aspectos destas transformações. Escolhemos como alvo de nosso estudo a comédia *Lisístrata.* Tal comédia é representada em um momento de interrupção da guerra entre Atenas e Esparta (411 a. C.). A ateniense *Lisístrata* propõe a todas as mulheres da Grécia uma 'greve de sexo' em relação aos seus maridos. Só parariam a greve caso os homens decretassem a paz entre as cidades.

Veremos adiante, porém, que apesar de o poeta cômico grego ter utilizado a mulher como protagonista, sua comédia não deve ser tratada como um discurso de libertação feminina. Como exemplo, Lisístrata é pura invenção: jamais houve ocasião em Atenas em que as mulheres tenham se apoderado do poder ou que tenham feito uma 'greve de amor'. O poeta cômico, na verdade, demonstra todas as imagens tradicionalistas da mulher. Utiliza-a como veículo de sua crítica à democracia contemporânea a sua época.

Como poderíamos interpretar esse fato?

Tudo leva a crer que o autor, sendo dotado de grande imaginação, aproveitou-se daquilo que denominamos o cômico pelo *absurdo*, ou melhor, o efeito produzido pelo imprevisto de uma situação imaginária impossível de acontecer no plano real. Todavia, se por acaso for vinculada ao desejo mensageiro das críticas do autor, possuirá um verniz de veracidade.

Para compreendermos melhor esta situação, estruturamos nosso artigo em duas partes. Na primeira, contextualizamos os textos de Aristófanes, escolhendo alguns fatores que delinearam a crise da democracia ateniense associada à Guerra do Peloponeso – objetos das inúmeras críticas do poeta cômico. Ainda nesta primeira parte, teceremos comentários sobre alguns aspectos principais da posição social da mulher de Atenas clássica. Esta primeira parte servirá como base de compreensão para a segunda e última. Na segunda, demonstramos, finalmente, como Aristófanes utiliza o perfil feminino para criticar o momento político ateniense, ou seja, como sua crítica se faz através de uma situação absurda perante os valores reais da sociedade ateniense.

## Aristófanes e seu contexto histórico

A época em que Aristófanes escreve suas peças coincide com o período de desagregação da Cidade-Estado ateniense. O sistema democrático demonstra ser insuficiente para dar conta dos inúmeros conflitos que aparecem na estrutura da Cidade-Estado. A própria expansão de Atenas através da Liga de Delos, que é um empreendimento coletivo, tem como meta resolver suas contradições internas. Era necessária a obtenção de benefícios e vantagens – para a comunidade – que permitissem a amenização dos conflitos no seio da cidadania (Guarinello, 1987, p. 10).

É interessante percebermos que do século V a. C. até por volta de 322 a. C., o sistema democrático ateniense tem como meta envolver, em seu processo, inúmeros cidadãos. Estes poderiam participar das assembléias, dos conselhos e das demais instituições políticas de então. A idéia de participação política é o eixo central do pensamento ateniense e se configura através do direito de expressão e ação dos cidadãos nos negócios relativos ao Estado.

Já em meados do século V a. C., Péricles, em sua retórica, define o conceito de cidadão ateniense: cidadão é aquele que sendo filho de pai e mãe atenienses, pode participar, livremente, dos assuntos públicos da Cidade-Estado. São todos que se esforçam, em conjunto, para dividir as preocupações políticas, possuindo o direito de discutir e opinar sobre os caminhos do Estado ateniense.

Três gerações após, Demóstenes apresenta um quadro político totalmente diverso da visão de Péricles. Relata em seus discursos que o

Conselho dos 500 era, na verdade, dominado por um pequeno círculo de oradores, ou seja, por aqueles que tinham as reais condições de dirigir a política de Atenas.

No curso dos anos, realmente, a participação na democracia torna-se extremamente pesada aos atenienses. Estes, praticamente, financiam sua participação por meio da exploração de Estados subjugados ao império ateniense. Nem todos os cidadãos têm acesso a um papel ativo na vida pública da *pólis*. Os cidadãos provenientes de famílias aristocráticas ou que por algum motivo se sobressaem por algum mérito pessoal são os que têm acesso à retórica e conseqüentemente são os que apresentam atitudes determinantes na vida pública.

Assim sendo, somente os pequenos grupos elitizados têm como alcançar a liderança da *pólis*. A participação popular fica, então, à mercê da eficácia desses grupos e sob seu poder político.

Os méritos e deméritos da democracia ateniense são, exaustivamente, demonstrados pelos poetas trágicos e cômicos. Por exemplo, a questão do relacionamento entre o Demos e os demagogos é analisada por Aristófanes em *Os Cavaleiros* (Sinclair, 1988, p. 204).

Esses pontos supracitados levam-nos aos aspectos políticos da Guerra do Peloponeso. A associação entre a Guerra e o caráter da cidadania – indiretamente à democracia – é um fator determinante para compreendermos a expansão imperialista da Cidade-Estado antiga. A Guerra do Peloponeso, na verdade, pode ser considerada como uma guerra entre dois sistemas divergentes: o sistema democrático de Atenas *versus* o sistema oligárquico de Esparta, ou: Liga de Delos *versus* Liga do Peloponeso. Isto fica claro quando observamos que houve dois golpes oligárquicos em Atenas (411 e 404 a. C.); é quando os adversários da democracia realizam seus planos graças ao apoio de Esparta. "O conteúdo ideológico do conflito levou a sangrentos episódios da guerra civil em que cada uma das facções buscava o apoio externo nas duas póleis rivais, multiplicando os prejuízos causados" (Souza, 1988, p. 65).

Aristófanes é um crítico severo dessa guerra, portanto do quadro da democracia que se apresenta em sua época. *Lisístrata* representa a última tentativa de Aristófanes de dar um término à guerra entre atenienses e lacedemônios e, ao mesmo tempo, o desejo que o autor possui de ver todos os habitantes da Hélade reunidos em busca da paz.

A conjuntura em que Aristófanes escreve *Lisístrata* é a seguinte: em 413 a. C., a expedição feita pelos atenienses à Sicília é totalmente destruída. A cidade é ocupada pelo rei Ágis de Esparta. Temem-se sublevações entre os aliados, cujos primeiros sinais já tinham se manifestado na Eubéia. Diante de tal quadro, é criada uma comissão composta de dez magistrados – πρόβουλοι – extraordinários para empreender medidas de resistência.

Nesse ínterim, Alcebíades (líder político ateniense, próxeno de Esparta em Atenas, morto em 404 a. C.) após o desastre da Sicília, seguido pelo colapso da autoridade ateniense, acompanha a frota lacedemônia que se dirige à Jônia e tenta estabelecer um acordo entre Esparta e o sátrapa Tissafernes. Esparta promete devolver ao grande rei as cidades gregas da Ásia, em troca Tissafernes passaria a fornecer navios e dinheiro a Esparta. Em 412 a. C. quase todas as cidades da Jônia fazem aliança com Esparta; somente Samos fica fiel a Atenas. Graças a esse apoio muitas revoltas deixam de ocorrer. Em 411 a. C. há um golpe oligárquico em Atenas, mas com sucesso temporário. Alguns meses depois a democracia é restaurada.

Acreditamos que a maior preocupação de Aristófanes, em *Lisístrata*, não é demonstrar qual lado está com a razão (Atenas ou Esparta), mas sim provar que a Guerra não tem razão de ser, pois tratase de uma guerra entre povos irmãos.

Mais a seguir iremos demonstrar na análise de *Lisístrata* as referências políticas caracterizadas por Aristófanes através da greve de sexo das suas mulheres utópicas.

## Algumas características principais da posição social da mulher na *pólis* dos atenienses

*Lisístrata* remete-nos a 411 a. C., momento de interrupção da guerra entre atenienses e lacedemônios. Nesta comédia aristofânica, Lisístrata é uma ateniense que propõe às mulheres da Grécia uma greve de sexo. Segundo Dover (1972, p. 153), esta é uma das comédias do grande poeta cômico mais representada no mundo atual. As cenas eróticas chamam nossa atenção, pois são extravagantes. Entretanto,

devemos perceber que, por trás desses recursos utilizados pelo autor, existe uma mensagem de paz muito bem elaborada e não um recado pornográfico.

Como já aludimos, também, não encontramos em *Lisístrata* nenhum discurso de liberação da mulher. Aristófanes, como demonstraremos adiante, tem acerca da mulher uma visão comum, como a de qualquer cidadão de sua época. No imaginário do homem grego, a mulher é um ser inferior que não deve ser comparada ao homem ou a qualquer herói. A mulher é importante a partir do momento em que pode acolher a semente masculina que gerará filhos cidadãos. Seu domínio se restringe ao *oikos* e aos trabalhos domésticos (Mossé, 1983, p. 97).

A mulher ateniense é aquela que é filha e esposa de cidadão ateniense. Logo, o emprego do termo cidadão é extremamente limitado pois, segundo Mossé:

> A qualidade de cidadão implica no exercício de uma função que é essencialmente política, de participação às assembléias e aos tribunais, onde as mulheres são excluídas; assim como são excluídas, também, da maior parte das manifestações cívicas, com exceção de determinadas cerimônias religiosas (Mossé, 1983, p. 51).

A mulher precisa ter um tutor – um *kyrios* – que pode ser seu pai ou seu esposo, ou na ausência destes, um parente mais próximo. Assim sendo, o casamento era o que fundamentava o estatuto da mulher; era na verdade, um contrato entre duas casas, mediante o qual o pai ou o tutor da filha a entregava ao futuro esposo. Era o pai, também, que determinava para qual casa a filha iria. Em princípio era praticamente impossível a mulher romper com o casamento, pois caberia ao pai ou tutor conceder a possível ruptura.

Para os cidadãos atenienses, a esposa deveria ser uma verdadeira protetora do lar, deveria garantir uma descendência gerando filhos, ou seja, deveria dar continuidade à família no seio da cidade. A mulher de boa família deveria cuidar da casa, dos seus criados e cumprir com os seus deveres religiosos. Quanto ao adultério, o marido que pegasse a mulher em flagrante com seu amante, teria o direito de matar este último e sua mulher seria excluída da participação de todos os cultos da cidade.

Como John Gould (1980, p. 45) atesta, é como se a mulher não tivesse personalidade e existisse somente enquanto uma ramificação de seu *kyrios*. Por outro lado, após a lei da cidadania de Péricles – 451/450 a.C. – cidadão seria aquele que fosse filho de pai ateniense e também de mãe uma chamada na formulação de Plutarco, "ateniense". A palavra correta seria: –'ασιη'– mas não é nada fácil definir o seu *status*.

Em termos de lei, deparamo-nos com uma situação que nos parece internamente contraditória: as mulheres possuem uma posição 'fora' da sociedade, ainda que ela seja essencial; seu *status* deriva dos homens, porém estes dependem delas (de suas mães) para serem considerados cidadãos.

É mais fácil compreendermos que a sociedade antiga baseia-se nos costumes e na tradição. Entretanto, a questão do costume também não é fácil de definir. Ela engloba inúmeros padrões informais de comportamento, praticamente impossível de serem delineados.

Complementando, para que este pensamento fique claro, apresentamos um quadro de Balandier (1985, p.38) sobre as dualidades homem/mulher que retrata como, costumeiramente, são vistos o homem e a mulher nas sociedades tradicionais.

| MULHER | HOMEM |
|---|---|
| lua | sol |
| noite | dia |
| frio | quente |
| esquerdo | direito |
| fertilidade | poder |
| maternidade | guerra |
| generosidade | força bruta |
| repouso | trabalho |

### A mensagem de *Lisístrata*

Aristóteles, em sua *Poética*, faz o seguinte comentário: "A comédia é imitação dos homens inferiores; não, todavia, quanto a toda

espécie de vícios, mas só quanto àquela parte do torpe que é o ridículo..." (*Poética*, V, 32-35).

Tal comentário deve ser aproveitado para as comédias de Aristófanes, pois retrata bem o pensamento do homem clássico em relação às cenas cômicas. Em *Lisístrata* o poeta cômico aproveita-se do perfil feminino, considerado inferior ao do masculino, para enviar suas mensagens políticas.

Pensemos então: como podemos explicitar a razão de Aristófanes ter utilizado a mulher para criticar a sociedade ateniense? Com o que foi escrito anteriormente, pudemos perceber qual era o lugar da mulher, diga-se de passagem, a de boa família, na Cidade-Estado.

Em *Lisístrata* a mulher tem um papel relevante em uma decisão extremamente importante: provocar uma greve de sexo para acabar com a Guerra do Peloponeso. Ou seja, nesta comédia, assistimos à mulher ocupar alguns espaços vazios da cena política, dentro da *pólis*, deixados pelos homens. Diante do que sabemos sobre a posição da mulher na sociedade ateniense, esta situação jamais aconteceria. A explicação que encontramos está na própria natureza cômica das comédias femininas aristofânicas. Podemos enquadrá-las dentro do "cômico pelo absurdo", tendo como base as referências de Yves Delage (1919, p. 337).

Para uma cena ser cômica ela deve reunir duas condições essenciais:

1.º) deve existir entre o efeito do produto e sua causa uma desarmonia quantitativa, de que resulta uma impressão de surpresa, um efeito de imprevisto;

2.º) o efeito é, provavelmente, desagradável para aquele que está atuando em cena.

Aproveitando a idéia do autor, chamaremos de *A* a condição de desarmonia e *A'*, a condição desagradável.

*A* - É essencial a impressão do imprevisto. As cenas são incoerentes com a realidade mas para o efeito do cômico elas tornam-se reais: o imaginário abrange o real.

Ex.: Mulheres de Atenas tomando, em *Lisístrata*, a Acrópole.

*A'* – Relaciona-se com as profundidades do egoísmo humano.
Ex.: Sentimo-nos bem quando vemos que alguém está numa situação pior do que a nossa (na comédia). Esta referência passa-se em nosso inconsciente, tanto que a sensação que temos é de euforia – uma impressão automática de um sentimento de prazer.
Ex.: Homens apavorados, em *Lisístrata*, por não poderem praticar o sexo com suas mulheres.

Estes dois fatores do cômico devem estar presentes na comédia e normalmente aparecem em equilíbrio. Transmitem, também, uma mensagem positiva.

No tocante a Aristófanes, em especial nesta comédia que é nosso objeto de análise, podemos verificar que há um predomínio de *A* em relação a *A'* (o cômico pelo absurdo). Há uma desarmonia entre os dois fatores, porém, o cômico pelo absurdo não quer dizer que a história tenha que ser totalmente irreal. Por exemplo, em *Lisístrata*, a história inclui 'toques' realistas, que fazem os cidadãos da *pólis* refletirem sobre o que está acontecendo no momento presente.

O perfil feminino que Aristófanes demonstra é absurdo para os padrões da época, está fora da realidade ateniense; em todo caso, as atitudes femininas, na comédia, nos levam a perceber a veracidade da Guerra do Peloponeso. Logo, o que torna a análise de *Lisístrata* importante é a relação que se estabelece entre as características da natureza do cômico tipo absurdo e as mensagens reais transmitidas através do tema.

Ilustraremos, então, algumas passagens da comédia que nos remetem à problemática da mulher e a alguns posicionamentos críticos do autor em relação à política de Atenas.

Lisístrata, pensando na situação embaraçosa em que as mulheres dos guerreiros se encontravam, formula uma maneira de acabar com a guerra. Aristófanes nos apresenta a guerra através da ótica feminina – uma representação repleta de humor e imaginação. Já nos versos

iniciais, Aristófanes revela a dificuldade que têm as mulheres de se articularem politicamente - é um atributo de inferioridade que Aristófanes ressalta, simbolizando a sua opinião e a do corpo cívico:

> LISÍSTRATA – Se fosse para uma festa de Baco ou no Santuário de Pan ou coisa parecida nem teria sido necessário convidá-las, mas como o assunto é sério até agora nenhuma mulher apareceu ... (*Lis.*, 1-5).

Mais adiante uma passagem em que o comediógrafo demonstra o papel da mulher submissa, repleta de afazeres domésticos:

> CLEONICE – E que espera você que as mulheres façam de sensato ou de extraordinário, nós que vivemos às voltas com nossas pinturas, nossos vestidos e nossas sandálias? (*Lis.*, 42-45).

Aristófanes demonstra, também, como as relações familiares foram abaladas pela guerra: as mulheres reclamam o fato de este conflito afastar seus maridos do convívio do lar.

Observemos os seguintes lamentos:

> CLEONICE – Por Zeus, querida. Diga-nos...que assunto tão grave é este que está te preocupando?
>
> LISÍSTRATA – Vocês já vão saber. Antes, porém,vou fazer uma pergunta – uma perguntinha só.
>
> CLEONICE – Quantas você quiser.
>
> LISÍSTRATA – Vocês não sentem falta dos pais de seus filhos que a Guerra mantém longe de vocês? Eu sei que os maridos de quase todas estão ausentes.
>
> CLEONICE – Sim, faz cinco meses que meu marido, ó coitado, está na Trácia a serviço de Eucrates.
>
> MIRRINA – E o meu há sete meses encontra-se em Pilos.

LÂMPITO – E o meu, o tempo que ele passa fora do regimento mal dá para pegar de novo o escudo e sair voando... (*Lis.*, 96-107)

Reparamos a existência de um certo saudosismo em Aristófanes quando apresenta este quadro. Indiretamente, através da quebra da relação familiar, o poeta cômico nos apresenta a crise da estrutura política da Cidade-Estado ateniense.

Nos versos seguinte, Lisístrata, finalmente apresenta seu plano. A greve de sexo, indesejável, à primeira vista a todas as mulheres; mas a protagonista acaba convencendo-as:

LISÍSTRATA – Muito bem: vocês terão de se privar...de fazer amor. Ei... Por que vocês estão indo embora? ... Por que estão com a cara amuada e coçando a cabeça? (*Lis.*, 124-127)

Vemos que Lisístrata praticamente domina a assembléia das mulheres gregas com a sua proposta de greve de sexo. Ao passarmos do plano utópico para o real, encontramos a seguinte denúncia do comediógrafo: pouquíssimos cidadãos dominam, através da oratória, a grande maioria dos cidadãos.

Outro fator interessante é que na hora da proposta de greve de sexo, somente Lâmpito, uma espartana, apóia Lisístrata:

LÂMPITO – ...doloroso, pelos Dioscuros, uma mulher dormir sozinha, sem um pênis...Em todo caso temos necessidade de paz. Eu apoio!

LISÍSTRATA – Querida! Você é a única mulher de verdade entre todas essas aí (*Lis.*, 143-146).

Em primeiro lugar, é da intenção do autor demonstrar que as mulheres da Hélade, sejam atenienses, espartanas ou até de outras Cidades-Estados, estão interessadas na paz – questão do pan-helenismo que está em voga. Em segundo lugar, é uma mulher com referências masculinas (as espartanas tinham que se dedicar aos exercícios físicos como os homens para terem filhos sadios) que concorda com Lisístrata.

Mais uma vez identificamos que o discurso de Aristófanes não é a favor dos valores femininos.

Aristófanes apresenta, também, dentro da comédia, a relação entre o vinho e a mulher ateniense. Durante o juramento em que as mulheres prometem não ceder a seus maridos, Lisístrata menciona o seguinte:

> LISÍSTRATA – ...se eu guardar meu juramento permitam os deuses que eu possa beber sempre vinho (*Lis.*, 231-232).

Acreditamos, num primeiro momento, que Aristófanes está zombando das mulheres, pois há outras passagens em *Lisístrata* em que as mulheres estão sempre bêbadas (*Lis.*, 114,194-208 e 233-239). Mas, ao apresentar as mulheres associadas ao vinho, o poeta apresenta-nos um quadro de crise, não só da estrutura política, mas igualmente dos valores em decadência da sociedade ateniense.

Aristófanes passa-nos claramente a idéia da mulher como adúltera. No seguinte discurso, o comissário está indignado com a tomada da Acrópole pelas mulheres:

> O COMISSÁRIO – ...nós mesmos somos cúmplices da perversidade das mulheres e seus ensinamentos de libertinagem... (*Lis.*, 403-419).

Dover (1972, p.159) faz alguns comentários sobre esta passagem:

> Devemos lembrar que os gregos acreditavam que a mulher agüentava menos as privações sexuais do que os homens. Tal fato está interligado à questão de que o guerreiro adquiriria mais habilidade na Guerra, caso suportasse as privações sexuais.

A todo instante, podemos perceber o quanto *Lisítrata* é uma comédia altamente política. Aristófanes demonstra, claramente, suas críticas aos homens de Estado atenienses.

> O COMISSÁRIO – Então, é por causa do dinheiro que fazemos guerras?

LISÍSTRATA – Sim senhor! Vocês e todos os outros. ...para poderem roubar nos cargos públicos que Pisandro e os outros vivem armando encrencas. Vocês podem fazer o que quiserem (apontando para a Acrópole). Mas no dinheiro do povo que está lá dentro, ninguém mais põe a mão!

Outra denúncia de Aristófanes se refere à desordem em que se encontrava a Cidade-Estado durante a Guerra. Após uma fala de Lisístrata encontra-se o seguinte diálogo:

O COMISSÁRIO – Por haver feito o quê?

LISÍSTRATA – Por haver feito com que não haja mais soldados desfilando sua vaidade nas ruas (*Lis.*, 555-560).

Nos versos 575 a 580, a crítica feita por Aristófanes, através de *Lisístrata*, àqueles que brigam para ocupar os cargos públicos:

LISÍSTRATA – É tanta gente querendo ocupar os cargos públicos que é como se quisesse enfiar uma porção de linhas ao mesmo tempo no buraco de uma agulha só (*Lis.*, 575-580).

O coro dos velhos menciona a palavra tirania, uma palavra assustadora, utilizada pelos radicais quando chamavam seus opositores:

CORO – Sinto no ar um cheiro de tirania de Híppias.
Se há alguma espartana nisso, na certa ela
está conspirando com as outras inimigas dos
deuses para pegar nosso dinheiro.
(*Lis.*, 619-625)

Através dessas passagens, tentamos demonstrar como se encontrava a política da Cidade-Estado de Atenas na época de Aristófanes. Através da leitura de *Lisístrata,* observamos como Aristófanes se utili-

zou da figura da mulher para realizar suas críticas à democracia ateniense.

No tocante à mulher, descrevemos um pouco o seu cotidiano em Atenas; assim, traçamos algumas características nitidamente presentes em *Lisístrata*: a idéia de mulher submissa, sua relação com o vinho e, principalmente, a contradição que existe no fato de ela gerar filhos cidadãos mas não ser, ela própria, considerada cidadã.

Finalmente, tentamos explicitar, através de uma proposta de trabalho, qual seria a razão de Aristófanes ter utilizado a mulher para criticar a sua sociedade. A interpretação da peça, através da natureza do cômico pelo absurdo, ou seja, de como os autores antigos procuravam obter o riso da platéia mediante a apresentação no palco de situações inverossímeis, absurdas, pode ser uma das soluções encontradas para um assunto que deve estar sempre aberto a novas interpretações históricas.

Esperamos ter alcançado nosso objetivo e, além disso, que este estudo seja aproveitado de alguma forma para compreendermos um pensamento muito simples, que vem sendo estruturado desde a Antiguidade e se transformou numa máxima contemporânea, resumida da seguinte forma: "Façamos o humor, não façamos a guerra".

Ou como afirmou Aristófanes:

> Mas para início de conversa
> Não é absolutamente necessário
> que haja guerras.
> (*Lisístrata*)

**Abstract**

This article is about the comedy *Lysistrata* of Aristophanes. I analised the profile of the atheniun woman in the V a. C. century and how the author used the woman to criticize his society.

## Referências Bibliográficas

ARÊAS, Vilma. *Iniciação à comédia.* Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

ARISTÓFANES. *A revolução das mulheres. A greve do sexo.* Trad. Mário da Gama Kury. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ARISTOPHANE. *Les Oiseaux – Lysistrata*. Trad. Hilaire Van Daile. Paris: Les Belles Lettres, 1958.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 1995.

BALANDIER, G. *Anthropo – Logiques*. Paris: Le Livre de Poche, 1985.

CHEVITARESE, André Leonardo. Casamento e Descendência na Grécia Antiga. *Revista História* (São Paulo), v.12, p.123-31, 1993.

_____. O feminino na Antigüidade Grega: virtudes e aceitação social. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA ANTIGA, 4, CICLO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA ANTIGA ORIENTAL, 1, 1990, Porto Alegre, *Anais*... Porto Alegre: UFRS, 1990. p. 113-8.

_____. A questão fundiária e a conjuntura ateniense no governo oligárquico de 411a. C. *Phoœnix* (Rio de Janeiro), 1995, p. 29-37.

DELAGE, Yves. Sur la nature du comique. *Revue du Mois* (Paris), v. 20, p. 337-54, 1919.

DOVER, Kenneth J. *Aristophanic comedy*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1982.

GOULD, John. Law, Custom and myth: aspects of the social position of women in classical Athens. *J.H.S.* (Cambridge), p.38-59, 1980.

GRIMAL, Pierre. *O teatro antigo*. Lisboa: Edições 70, 1984.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Imperialismo greco-romano*. São Paulo: Ática, 1987.

JONES, A. H. M. *Athenian democracy*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

LORAUX, Nicole. *Les enfants d'Athéna*: idées athéniennes sur la citoyenneté et la division des sexes. Paris: Seuil, 1990.

MOSSÉ, Claude. *La femme dans la Grèce antique*. Paris: Albin Michel, 1983.

POMEROY, Sarah. *Diosas, rameras, esposas y esclavas. Mujeres en la antigüedad clásica*. Madrid: Akal, 1987.

SINCLAIR, R.K. *Democracy and participation in Athens*. Cambridge: University Press, 1988.

SOMMERSTEIN, Alan H. Aristophanes and the events of 411. *J.H.S* (Cambridge), XCVII, p.112-26, 1977.

SOTELO, Pedro Calvo. La Lisístrata de Aristófanes In: JORNADAS DE INVESTIGACIÓN INTERDISCIPLINARIA. LA MUJER EN

EL MUNDO ANTIGUO, 5, 1986, Madrid. *Actas*... Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 1986.

SOUZA, Marcos Alvito de. *A guerra na Grécia antiga*. São Paulo: Ática, 1988.

SPARKERS, B.A. *Ilustrating Aristophanes*. *J.H.S* (Cambridge), XCV, p.122-3.

VIDAL-NAQUET, Pierre e AUSTIN, Michel. *Economia e sociedade na Grécia antiga*. Lisboa: Edições 70, 1985.